



Os Cisnes Selvagens

De vilde Svaner (1838)

Muito longe daqui, lá para onde as andorinhas voam quando nós temos Inverno, vivia um rei com onze filhos e uma filha, Elisa. Os onze irmãos – os príncipes – iam à escola com estrelas ao peito e sabre à ilharga. Escreviam em «ardósias» de ouro com «penas» de diamante e sabiam tão bem recitar como ler. Ouvindo-os, via-se logo que eram príncipes. A irmã Elisa sentava-se num pequeno escabelo de cristal e tinha um livro de estampas que fora comprado pelo valor de meio reino.

Oh! As crianças viviam muito bem! Mas não viria a ser sempre assim!

O pai, que era o rei de todo o país, casou com uma rainha má, nada gentil para com as pobres crianças. Puderam notá-lo logo no primeiro dia.

Em todo o palácio havia grande ostentação e as crianças brincavam «às visitas», mas em vez de receberem bolos e maçãs assadas, que era o que havia para oferecer, a rainha deu-lhes apenas areia numa chávena de chá, dizendo que podiam fingir que era outra coisa.

Logo na semana seguinte pôs a irmãzinha Elisa no campo, em casa de camponeses, e não durou muito até que dissesse tanta coisa ao rei sobre os pobres príncipes, que este nunca mais se importou com eles.

– Voem por esse mundo fora e tratem de vós mesmos – disse a rainha má. – Voem como grandes aves sem voz! – Não lhes pôde, porém, fazer tanto mal como queria. Transformaram-se em onze belos cisnes selvagens. Com um grito estranho, partiram a voar das janelas do palácio sobre o parque e o bosque.

Era ainda manhã cedo, quando passaram pela casa dos camponeses onde a irmã Elisa estava a dormir. Aqui pairaram sobre o telhado, estenderam os longos pescoços e bateram com as asas, mas ninguém os ouviu nem viu. Tiveram de voltar a partir, no alto, entre as nuvens, pelo mundo fora. Voaram para um grande bosque sombrio que se estendia até à praia.

A pobre Elisinha estava na cabana do camponês a brincar com uma folha verde, pois outro brinquedo não tinha. Fez um buraco na folha, olhou através dele para o Sol e foi como se visse os claros olhos dos irmãos, e, de cada vez que os raios quentes do Sol lhe brilhavam nas faces, pensava nos beijos de todos eles.

Os dias decorriam iguais uns aos outros. Se o vento soprava na grande roseira diante de casa, esta sussurrava às rosas: – Quem pode ser mais bonita do que vocês? – As rosas abanavam a cabeça e diziam: – Elisa. – E se a velha se sentava ao domingo à porta a ler o seu livro de salmos, o vento virava as folhas e dizia para o livro: – Quem pode ser mais piedoso do que tu? – Elisa – dizia o livro de salmos, e era a pura verdade o que as rosas e o livro de salmos diziam.

Quando fez quinze anos, mandaram-na regressar. Assim que a rainha viu como ela era bonita, encheu-se de raiva e de ódio. Bem a teria transformado num cisne selvagem como os irmãos, mas não o podia fazer já, pois o rei queria ver a filha.

De manhã cedo, a rainha foi à sala de banho, construída em mármore e decorada com almofadas fofas e os mais belos tapetes. Pegou em três sapos, beijou-os e disse para um: – Põe-te na cabeça de Elisa, quando ela entrar no banho, para que fique

tão estúpida como tu. – Põe-te na sua testa – ordenou ao segundo – para que fique feia como tu, de modo a que o pai não a reconheça. – Pousa no seu coração – segredou ao terceiro – para que venha a ter maus pensamentos e a sofrer com isso. – Colocou então os sapos na água clara, que logo tomou uma cor esverdeada. Chamou por Elisa, despiu-a e mandou-a entrar na água e, quando ela aí mergulhou, pôs-se-lhe um sapo no cabelo, o segundo na testa e o terceiro no peito, mas Elisa pareceu nem dar por isso. Logo que se levantou, flutuaram três papoilas vermelhas na água. Se os animais não fossem venenosos nem beijados pela rainha bruxa, ter-se-iam transformado em rosas vermelhas, mas flores se tornaram mesmo assim, ao tocarem a cabeça e o coração de Elisa. Era demasiado piedosa e inocente para que o feitiço tivesse poder sobre ela!

Quando a rainha má viu isto, esfregou-a com suco de nozes, de modo que ficou toda castanha-escura, untou o belo rosto com um unguento malcheiroso e emaranhou-lhe o belo cabelo. Era impossível reconhecer a linda Elisa.

O pai, quando a viu, ficou todo horrorizado, dizendo que não era filha dele. Ninguém mais a reconheceria senão o cão de guarda e as andorinhas, mas eram pobres animais e nada podiam dizer.

Então a pobre Elisa chorou, pensando nos onze irmãos, que estavam longe. Aflita, saiu furtivamente do palácio, andou todo o dia por campos e pauis, embrenhando-se na grande floresta. Nem sequer sabia para onde devia ir, mas sentia-se tão triste e com tantas saudades dos irmãos, que, como ela, deviam ter sido também atirados para o mundo! Iria procurá-los e achá-los-ia.

Mal penetrou no bosque, logo anoiteceu. Afastou-se de caminhos e atalhos. Deitou-se sobre o musgo macio, rezou a sua oração da noite e encostou a cabeça a um cepo. Estava tudo calmo, o ar tão suave e à volta, na erva e no musgo, brilhavam,

como fogo verde, mais de cem pirilampos. Quando tocou com a mão levemente num dos ramos, tombaram os insectos luzentes, como estrelas cadentes, sobre ela.

Toda a noite sonhou com os irmãos. Brincavam, como quando eram crianças, escreviam com «penas» de diamante sobre «ardósias» de ouro e viam o belo livro de estampas que custara meio reino. Mas nas ardósias não escreviam, como antes, apenas zeros e traços, não, mas as acções mais ousadas que haviam praticado, tudo o que tinham vivido e visto. No livro de estampas, tudo era vivo, os pássaros cantavam e os homens saíam do livro e falavam para Elisa e para os irmãos, mas quando voltava a folha, logo saltavam novamente para dentro, para que não houvesse confusão nas estampas.

Quando acordou, já o Sol ia alto. Não podia vê-lo bem, porque as grandes árvores estendiam os ramos espessos e firmes, mas os raios brincavam por fora como uma teia de ouro oscilante. Havia um perfume de verdura e os pássaros quase vinham pousar-lhe nos ombros. Ouvia a água murmurar. Havia muitas fontes grandes e todas escorriam para um lago com o mais belo fundo de areia. À volta cresciam espessos arbustos, mas num sítio os veados haviam feito uma grande abertura e por aí se dirigiu Elisa até à água. Era tão clara que, se o vento não agitasse os ramos e os arbustos, de modo a moverem-se, podia bem ter acreditado que estavam pintados no fundo, tão distintamente se reflectia aí cada folha, tanto aquelas através das quais o Sol brilhava como as que se encontravam completamente na sombra.

Assim que viu o seu rosto, ficou toda horrorizada, tão castanho e feio que era! Mas quando molhou a mãozinha e esfregou os olhos e a testa, luziu a pele branca outra vez. Então, tirou toda a roupa e entrou na água fresca. Uma filha de rei mais bonita que ela não se encontraria neste mundo!

Quando voltou a vestir-se e en trançou o longo cabelo, encaminhou-se para a fonte borbulhante, bebeu da mão em concha e continuou a vaguear no bosque, sem saber para onde ir. Pensou nos irmãos, pensou no bom Deus, que certamente não a abandonaria. Ele fazia crescer as maçãs bravas para saciar os famintos e foi Ele que lhe mostrou uma tal árvore, com os ramos dobrados pelo peso dos frutos. Aqui colheu o almoço, colocou suportes sob os ramos e entrou na parte mais sombria do bosque. Estava tudo tão silencioso que ouvia os próprios passos, ouvia cada folhinha a murchar que se curvava sob os seus pés. Não se via um pássaro. Nenhum raio de Sol conseguia penetrar por entre os grandes e espessos ramos das árvores. Os altos troncos estavam tão perto uns dos outros que, quando olhava em frente, era como se uma grade de traves bem juntas umas às outras a rodeasse. Oh! Havia aqui uma solidão como nunca antes conhecera!

Fez-se então muito escura a noite! Nem um único pirilampo-zinho brilhava no musgo. Aflita, deitou-se no chão para dormir. Pareceu-lhe que os ramos das árvores por cima se abriam para o lado e que o Senhor, com doces olhos, olhava para ela em baixo e que anjinhos espreitavam sobre a sua cabeça e sob os seus braços.

Quando despertou de manhã, não sabia se sonhara ou se fora realmente assim.

Caminhou alguns passos em frente e encontrou uma velha com bagas num cesto. A velha deu-lhe algumas. Elisa perguntou se vira onze príncipes cavalgando pelo bosque.

– Não – respondeu a velha –, mas vi ontem onze cisnes com coroas de ouro na cabeça, nadando pelo regato abaixo, aqui mesmo ao lado.

Depois conduziu Elisa um pouco mais à frente até um declive. Em baixo torneava um regato. As árvores nas margens estendiam umas para as outras longos ramos cheios de folhas e

onde, pelo seu crescimento natural, não podiam alcançar-se. Tinham desprendido as raízes da terra, pendendo para a água com os ramos entrelaçados.

Elisa disse adeus à velha e dirigiu-se ao longo do regato até onde este fluía para uma grande praia aberta.

Todo o belo mar estava diante da rapariga, mas nem uma vela se mostrava, nem um barco se podia ver. Para onde devia seguir? Observou as inumeráveis pedrinhas na margem. A água tinha-as arredondado todas. Vidro, ferro, pedra, tudo o que ali jazia, lançado à praia, tomara forma pela água, que, contudo, era muito mais macia do que as suas finas mãos. «Está sempre infatigável a rolar e assim se nivela o que é duro. Também quero ser infatigável. Obrigada pela vossa lição, vós límpidas ondas rolantes. Algum dia – diz-me o coração – ireis levar-me aos meus queridos irmãos.

Nas algas lançadas à praia estavam onze penas brancas de cisnes. Juntou-as como que a fazer um ramo. Havia nelas gotas de água. Se era orvalho ou lágrimas, ninguém o poderia dizer. Estava sozinha na praia, mas não se sentia só, pois o mar apresentava uma eterna transformação, sim, em algumas poucas horas mais do que os frescos lagos interiores poderiam mostrar em todo um ano. Se aparecia uma grande nuvem negra, era como se o mar dissesse «eu também sei mostrar-me sombrio» e então soprava o vento e as ondas voltavam o branco para fora. Mas se as nuvens brilhavam vermelhas e os ventos dormiam, ficava o mar como uma folha de rosa. Estava agora ora verde, ora branco, mas como repousava calmo! Havia, contudo, nas margens um suave movimento, a água elevava-se docemente, como o peito de uma criança quando dorme.

Quando o Sol estava quase a pôr-se, Elisa viu onze cisnes selvagens com coroas de ouro na cabeça, voando para terra. Pairavam uns atrás dos outros e pareciam uma longa fita branca.

Então Elisa subiu o declive e escondeu-se por detrás de um arbusto. Os cisnes pousaram perto dela, batendo as grandes asas brancas.

Quando o Sol se sumiu sob a água, caiu-lhes subitamente a plumagem e ali estavam os onze belos príncipes, os irmãos de Elisa. Lançou um grande grito, pois, apesar de terem mudado muito, sabia que eram eles, sentiu que deviam ser eles. Saltou para os seus braços, chamou-os pelos nomes e eles ficaram tão contentes quando viram e reconheceram a irmãzinha, que agora estava tão crescida e bonita! Riram e choraram e logo lhe contaram como a madrasta fora má para com eles.

– Nós, irmã – disse o mais velho –, voamos como cisnes selvagens, enquanto o Sol está no céu. Quando desce, tomamos a nossa forma humana. Por isso, ao pôr do Sol, temos sempre de ter o cuidado de encontrar um pouso para os pés, pois se voássemos lá alto, na direcção das nuvens, tombaríamos como seres humanos no abismo. Não é aqui que moramos. Há uma terra tão bonita como esta do outro lado do mar, mas é longo o caminho para lá, temos de atravessar o grande mar e, no trajecto, não há nenhuma ilha onde possamos pernoitar. Só um rochedozinho isolado se ergue aí. Mais espaço não tem do que aquele em que podemos repousar juntos uns aos outros. Se o mar está bravo, salpica a água sobre nós, mas agradecemos a Deus por ele. Ali pernoitamos em nossa forma de homens; sem ele nunca poderíamos visitar a nossa querida pátria, pois dois dos mais longos dias do ano precisamos para o nosso voo. Só uma vez no ano nos é permitido visitar a terra dos nossos pais. Podemos ficar aí onze dias, voar sobre o grande bosque e daí ver o palácio onde nascemos e onde mora o nosso pai, ver a alta torre da igreja, onde está enterrada a nossa mãe. Aqui parece-nos que as árvores e os arbustos são nossos parentes, aqui correm os cavalos selvagens sobre a planície, como os víamos na nossa infância. Aqui cantam os carvoeiros as velhas canções ao

som das quais dançávamos, ainda crianças. Aqui é a nossa pátria, para aqui somos atraídos e aqui te encontrámos, querida irmãzinha! Ainda podemos ficar dois dias, mas depois temos de partir sobre o mar para uma bela terra, mas que não é a nossa! Como podemos levar-te? Não temos navio nem sequer um pequeno barco!

– Como poderei salvar-vos? – disse a irmã.

Falaram quase toda a noite. Apenas dormitaram algumas horas.

Elisa acordou com o som das asas dos cisnes, sussurrando por cima dela. Os irmãos estavam outra vez transformados, voando em grandes círculos e por fim lá para longe, mas um deles, o mais novo, ficou para trás. O cisne pôs a cabeça no seu regaço e ela acariciou-lhe as penas brancas. Estiveram todo o dia juntos. À noitinha voltaram os outros e, quando o Sol se pôs, tomaram a sua forma natural.

– Amanhã vamos voar daqui. Não podemos regressar antes de todo um ano. Mas não podemos deixar-te assim. Tens coragem para nos seguir? O meu braço é forte o bastante para te transportar através da floresta. Não teremos todos juntos asas suficientemente fortes para voar contigo sobre o mar?

– Sim, levai-me convosco! – respondeu Elisa.

Passaram a noite toda a tecer uma rede de casca de salgueiro flexível e de juncos rijos, que ficou grande e forte. Nela se deitou Elisa e quando o Sol se ergueu e os irmãos se transformaram em cisnes selvagens, pegaram na rede com os bicos e voaram alto para as nuvens com a irmã querida, que ainda dormia. Os raios do Sol incidiam-lhe directamente no rosto. Por isso, um dos cisnes voava sobre a sua cabeça para que as asas largas pudessem fazer-lhe sombra.

Estava longe a terra, quando Elisa acordou. Julgou que ainda sonhava, tão maravilhoso lhe pareceu ser transportada sobre o mar alto, através do ar! Ao seu lado havia um ramo de

belas bagas maduras e um molho de raízes saborosas. Tinha-os colhido o irmão mais novo, que ali os pusera para ela. Sorriu-lhe agradecida, pois sabia que fora ele, o que voava por cima da sua cabeça e lhe dava sombra com as asas.

Estavam tão alto que o primeiro navio que viram pareceu-lhes uma gaivota branca pousada na água. Uma grande nuvem encontrava-se por detrás deles. Era toda uma montanha e nela viu Elisa a sombra de si própria e dos onze cisnes, tão gigantescos voavam ali! Era o mais belo quadro que vira até então! Mas logo que o Sol subiu mais alto e a nuvem ficou para trás, desapareceu a imagem da sombra flutuante.

Continuaram todo o dia a voar, como uma flecha sussurrante através do ar, mas mais lentamente do que nunca, pois tinham de transportar a irmã. Pôs-se mau tempo, a noite aproximava-se. Receosa, Elisa viu o Sol baixar e ainda não se avistava o rochedo isolado no mar. Pareceu-lhe que os cisnes batiam mais forte com as asas. Ai! Era culpa sua se não chegassem a tempo. Quando o Sol se pusesse, tornar-se-iam seres humanos, cairiam no mar e afogar-se-iam. Então rezou do mais fundo do coração uma oração a Deus. Mas ainda não avistava nenhum rochedo. As nuvens pretas aproximavam-se cada vez mais. As fortes rajadas de vento anunciavam uma tempestade. As nuvens formavam uma única e grande onda ameaçadora, que parecia chumbo e avançava. Luziam relâmpagos uns atrás dos outros.

O Sol estava agora na borda do mar. O coração de Elisa batia fortemente. Os cisnes desceram tão rapidamente, que julgou que ia cair, mas ainda continuavam a pairar. O Sol estava meio mergulhado na água. Avistou então o pequeno rochedo em baixo, que não parecia maior do que uma foca, com a cabeça fora da água. O Sol baixava rapidamente. Era agora como uma estrela. Entretanto os seus pés tocaram o chão firme. O Sol extinguiu-se como a última chispa de um papel a arder. De braços

dados, viu os irmãos à sua volta, mas mais lugar do que para eles e ela não havia ali em baixo. O mar batia contra o rochedo e tombava com fortes bâtegas sobre eles. O céu brilhava num fogo sempre constante e a trovoada ribombava, trovão atrás de trovão, mas Elisa e os irmãos deram as mãos e cantaram um salmo, com que receberam consolo e coragem.

Ao romper do dia o ar estava puro e calmo. Logo que o Sol subiu, os cisnes partiram da ilha e levaram com eles Elisa. O mar ainda estava agitado. Parecia-lhes, quando estavam no ar, que a espuma branca no mar verde-escuro eram milhões de cisnes vogando nas ondas.

Quando o Sol ficou ainda mais alto, Elisa viu diante de si, meio flutuando no ar, uma terra montanhosa com massas de gelo brilhantes nas rochas e no meio estendia-se um palácio com uma boa milha de comprido com arrojadas arcadas umas sobre as outras. Por baixo abanavam palmeirais e flores maravilhosas, tão grandes como rodas de moinho. Perguntou se era a terra para onde iam, mas os cisnes abanaram a cabeça, pois aquilo que ela via era o belo palácio nas nuvens, em constante transformação, da Fada Morgana. Nele não podia entrar nenhum ser humano. Elisa olhou-o fixamente. Então desmoronaram-se montes, bosques e palácio e apareceram doze soberbas igrejas, todas iguais umas às outras, com altas torres e janelas pontiagudas. Pareceu-lhe ouvir órgão, mas foi o mar que ela ouviu. Agora estavam as igrejas bem perto, transformando-se numa frota que navegava debaixo dela. Olhou para baixo e era apenas uma neblina que passava sobre a água. Sim, uma transformação constante tinha ela diante dos olhos. Viu, então, a verdadeira terra para onde ia. E erguiam-se aí belas montanhas azuis, com bosques de cedros, cidades e palácios. Muito antes de o Sol se pôr, já estava sentada na rocha diante de uma grande gruta, coberta com verdes e finas plantas trepadeiras que pareciam tapetes bordados.

– Agora vamos ver com o que vais sonhar esta noite aqui! – disse o irmão mais novo, mostrando-lhe o quarto de dormir.

– Oxalá sonhe como poderei salvar-vos! – respondeu. E este pensamento ocupou-a vivamente. Pediu fervorosamente a Deus que a ajudasse, sim, mesmo a dormir continuou a orar. Então pareceu-lhe que voava alto no ar para o palácio nas nuvens da Fada Morgana e que esta veio ao seu encontro, tão bela e esplendorosa, contudo, parecendo-se com a velha que lhe dera bagas no bosque e lhe falara dos cisnes com coroas de oiro.

– Teus irmãos podem ser salvos – disse ela –, mas tens coragem e perseverança? É certo que o mar é mais macio do que as tuas finas mãos. No entanto, dá forma às pedras duras, mas não sente as dores que os teus dedos hão-de sentir. Não tem coração, não sofre a angústia e o tormento que tens de suportar. Vês esta urtiga que tenho na mão? Desta espécie crescem muitas à volta da gruta onde dormes. Toma nota, só essas e as que brotam nas sepulturas do cemitério são boas. São essas que tens de apanhar, mesmo que te façam arder a pele e deixem bolhas. Se esmagares as urtigas com os pés, obterás linho. Com ele terás de tecer e enlaçar onze cotas de malha, de mangas compridas. Lança-as sobre os onze cisnes selvagens e o encanto fica quebrado. Mas lembra-te bem! Desde o momento em que começares o teu trabalho e até estar completamente acabado, mesmo que dure anos, não podes falar. A primeira palavra que disseres penetrará como um punhal mortífero no coração dos teus irmãos. Da tua língua depende a vida deles. Tem em atenção tudo isto!

No mesmo momento, tocou-lhe na mão com a urtiga. Sentiu como que um fogo ardente. Assim acordou Elisa. Era já dia claro e perto do sítio onde dormira estava uma urtiga como aquela que vira em sonho. Então caiu de joelhos, agradeceu a Deus e saiu da gruta a fim de dar início à sua tarefa.

Com as mãos delicadas apanhou as feias urtigas, que eram como fogo. Grandes bolhas ardiam-lhe nas mãos e nos braços, mas de bom grado sofria, pudesse ela salvar os queridos irmãos. Esmagou as urtigas, uma por uma, com os pés descalços e entrançou o linho verde.

Quando o Sol se pôs, vieram os irmãos e ficaram assustados ao encontrá-la assim muda. Julgaram que era um novo encantamento da madrasta má, mas quando lhe viram as mãos, compreenderam o que fazia por eles; o irmão mais novo chorou e onde as suas lágrimas caíam não sentia nenhuma dor, já que desapareciam as bolhas ardentes.

Passou toda a noite a trabalhar, pois não descansaria enquanto não tivesse salvo os irmãos queridos. Permaneceu todo o dia seguinte, enquanto os cisnes estiveram fora, sentada no seu isolamento, mas nunca o tempo correrá tão depressa. Uma cota de malha ficou completamente pronta. Começou logo a seguinte.

Soou então a trompa de caça nos montes. Ficou cheia de medo. Os sons aproximavam-se, podia ouvir os cães a ladrar. Assustada, entrou na gruta, atou um molho as urtigas que juntara e cardara e sentou-se em cima.

Nesse mesmo momento veio um cão grande saltando do barranco e logo um outro e ainda outro. Ladraram alto, correram para trás e voltaram outra vez. Não demorou muito que estivessem todos os caçadores diante da gruta e o mais belo de todos era o rei do país. Dirigiu-se para Elisa. Nunca vira uma rapariga tão bonita!

– Como vieste parar aqui, linda menina? – perguntou o rei. Elisa abanou a cabeça, não devia falar, tratava-se da salvação e da vida dos irmãos. Escondeu as mãos sob o avental para que o rei não visse o que tinha de sofrer.

– Vem comigo! – disse ele. – Não podes ficar aqui! Se fores tão boa como és bonita, vestir-te-ei de seda e veludo, pôr-te-ei a

coroa de ouro na cabeça e residirás no meu palácio mais rico. Depois, pegou nela e sentou-a no cavalo. Elisa chorava, torcia as mãos, mas o rei disse:

– Só quero a tua felicidade! Um dia agradecer-me-ás! – E assim partiu pelos montes, segurando-a à frente no cavalo e os caçadores atrás dele.

Quando o Sol se pôs, estava a bela cidade real com igrejas e cúpulas diante deles e o rei conduziu-a ao palácio, onde grandes repuxos saltavam nas altas salas de mármore e paredes e tectos ostentavam pinturas. Mas ela não tinha olhos para isso, chorava e afligia-se. Dócil, deixou que as damas lhe vestissem os vestidos reais, lhe entrançassem pérolas no cabelo e lhe calçassem finas luvas nos dedos a arder por causa das urtigas. Quando ficou em todo o seu esplendor, estava tão deslumbrantemente bela que a corte se inclinou ainda mais profundamente perante ela e o rei proclamou Elisa como sua noiva. Ainda que o arcebispo abanasse a cabeça e murmurasse que a bela rapariga do bosque era certamente uma herege que cegara os olhos e seduzira o coração do rei! Mas o rei não o ouviu, mandou tocar a música, que viessem os mais deliciosos manjares e que as mais gentis meninas dançassem à volta dela. Foi levada através dos jardins odorosos para salas magníficas, mas nem um sorriso lhe assomou aos lábios ou transpareceu nos seus olhos. A tristeza estava ali como herança e posse eternas.

Então o rei abriu um pequeno aposento junto àquele em que iria dormir. Estava decorado com preciosas tapeçarias verdes e parecia mesmo a gruta onde ela estivera. No chão encontrava-se o molho de linho que tecera com as urtigas e no tecto estava suspensa a cota de malha que ficara pronta. Tudo isso trouxera um dos caçadores consigo, como curiosidade.

– Podes sonhar aqui com o antigo lugar onde vivias – disse o rei. – Eis o trabalho em que te ocupavas. Agora, no meio de todo o esplendor, divertir-te-á a recordar esse tempo!

Quando Elisa viu tudo aquilo, que tão perto lhe estava do coração, esboçou um sorriso e o sangue assomou-lhe às faces. Pensou na salvação dos irmãos, beijou a mão do rei, que a estreitou de encontro ao coração e mandou que todos os sinos das igrejas tocassem a anunciar as bodas. A bela rapariga muda do bosque veio a ser a rainha do país.

Então murmurou o arcebispo palavras más ao ouvido do rei, mas não lhe caíram no fundo do coração. Realizou-se o casamento. O próprio arcebispo teve de colocar-lhe a coroa na cabeça e com tão má vontade e com tanta força lhe premiu o estreito anel da coroa na testa, que lhe fez doer. Um mais pesado anel, contudo, circundava o seu coração – o cuidado pelos irmãos. Não sentia as dores corporais. A boca estava muda – uma única palavra custaria aos irmãos a vida –, mas nos olhos havia um profundo amor pelo rei bom e belo, que tudo fazia para a alegrar. De todo o coração, de dia para dia, lhe queria mais. Oh! Se pudesse simplesmente confiar-se a ele, contar-lhe as suas mágoas! Mas muda tinha de ser, muda tinha de completar a sua tarefa. Por isso escapava-se de noite do lado dele, entrava no quartinho que estava decorado como a gruta e acabou uma cota de malha após outra, mas, quando começou a sétima, não tinha mais linho.

Sabia que no cemitério cresciam as urtigas de que precisava, mas tinha ela própria de ir apanhá-las. Como conseguiria isso?

«Oh! Que são as dores nos dedos comparadas com a tortura que sofre o coração?», pensou. «Tenho de tentá-lo! O Senhor não me retirará a Sua protecção!» Com angústia no coração, como se estivesse perante uma má acção, desceu na noite clara de luar ao jardim, atravessou as longas áleas, saiu para as ruas solitárias e encaminhou-se para o cemitério. Aí viu sentado numa das maiores pedras tumulares um círculo de velhas bruxas horríveis que despiram os andrajos, como se quisessem banhar-se, e começaram a esgaravatar com os longos dedos magros nas

covas frescas, retirando os cadáveres e comendo-lhes a carne. Elisa teve de passar perto delas, que lhe lançaram olhares maus, mas ela recitou a sua oração, juntou as urtigas ardentes e levou-as para o palácio.

Só uma única pessoa a viu, o arcebispo, que estava levantado quando os outros dormiam. Tinha, pois, razão quando dissera que havia algo na rainha que não estava bem.

Era uma bruxa, assim transtornando a cabeça ao rei e a todo o povo.

No confessionário, contou ao rei o que vira e o que receava. Quando as palavras duras lhe saíam da língua, as imagens dos santos abanavam a cabeça, como se quisessem dizer: – Não é assim! A Elisa está inocente! Mas o arcebispo explicou-o de outro modo, que testemunhavam contra ela, que abanavam a cabeça pelo seu pecado. Rolaram então duas pesadas lágrimas pelas faces do rei. Regressou a casa com a dúvida no coração e à noite fingiu que dormia, mas nenhum sono tranquilo lhe cobriu os olhos. Observou como Elisa se levantava e que assim sucedia todas as noites. E de todas as vezes a seguiu de mansinho, vendo que desaparecia no seu aposento privado.

De dia para dia tornou-se-lhe o semblante mais sombrio. Elisa notou-o, mas não compreendeu. Inquietou-se com isso, mas o que não sofria o seu coração pelos irmãos! No veludo e púrpura reais corriam as lágrimas salgadas, aí se quedavam como diamantes cintilantes e todos os que viam esse rico esplendor desejavam ser como a rainha. Estava, entretanto, quase no fim do trabalho, faltava-lhe ainda uma cota de malha. Mas não tinha mais linho, nem uma única urtiga. Mais uma vez, a última, tinha de ir ao cemitério apanhar uma mão-cheia de urtigas. Pensou com angústia no caminho solitário e nas bruxas horríveis, mas a sua vontade era firme, como era a confiança em Deus.

Assim lá foi, mas o rei e o arcebispo seguiram-na, viram-na desaparecer pelo portão de grades do cemitério e, quando se aproximaram, depararam-se-lhe nas pedras tumulares as bruxas que Elisa encontrara. O rei virou o rosto, pois entre estas julgou ver aquela cuja cabeça ainda na noite anterior repousara no seu peito.

– O povo que a julgue! – disse o rei. E o povo condenou-a: seria queimada nas chamas rubras.

Das belas salas reais foi levada para uma masmorra escura e húmida, onde o vento assobiava pela janela com grades. Em vez de veludo e seda deram-lhe o molho de urtigas que colhera, podia aí repousar a cabeça. As cotas de malha duras e ardentesas que tecera podiam servir-lhe de enxergão e de coberta. Mas nada mais caro podiam ter-lhe oferecido. Voltou ao trabalho e rezou a Deus. Lá fora cantavam os rapazes da rua canções de escárnio sobre ela. Nenhuma alma a consolou com uma palavra querida.

À noite, algo sussurrou junto às grades, eram as asas de um cisne. Era o irmão mais novo, que voltara a encontrar a irmã. Elisa soluçou alto de alegria, se bem que soubesse que a noite que chegava era talvez a última que tinha para viver. Mas agora o trabalho encontrava-se quase acabado e o irmão estava ali.

O arcebispo veio para passar a última hora junto dela, prometeu-o ao rei. Mas ela abanou a cabeça, pediu-lhe com o olhar e gestos para que a deixasse sozinha. Nessa noite tinha de acabar o trabalho, ou seria tudo inútil, tudo, dores, lágrimas e noites em claro. O arcebispo foi-se embora com más palavras para ela, mas a pobre Elisa sabia que estava inocente e continuou a trabalhar.

Os ratinhos corriam no chão, arrastavam as urtigas para diante dos pés dela, pois queriam ajudá-la um pouco, e o tordo pousou nas grades da janela e cantou toda a noite, tão alegremente quanto podia, para que ela não perdesse a coragem.

Ainda era madrugada, só dentro de uma hora se levantaria o Sol. Ali estavam os onze irmãos ao portão do palácio, pedindo para serem levados ao rei. Que não podia ser foi a resposta, ainda era bem de noite, o rei dormia e não seria acordado. Pediram, ameaçaram, veio a guarda, desceu mesmo o rei, que perguntou o que se passava. Levantou-se então o Sol no mesmo momento e nenhum irmão havia à vista, mas lá no alto sobre o palácio voavam onze cisnes selvagens.

Para fora das portas da cidade acorria em massa o povo, que queria ver a feiticeira a ser queimada. Um miserável cavalo puxava a carroça onde ela ia sentada. Tinham-lhe dado um vestido de serapilheira grosseira. O lindo cabelo comprido pendia solto à volta da esbelta cabeça. As faces estavam pálidas de morte, os lábios moviam-se lentamente, mas os dedos entrançavam o fio verde. Nem mesmo a caminho da morte abandonava o trabalho começado. As dez cotas de malha estavam aos seus pés, a décima primeira acabava ela agora. A população insultava-a.

– Vede a feiticeira como murmura! Nem um livro de salmos leva nas mãos! Pelo contrário, o seu horrível feitiço leva-o ela consigo. Tirai-lho e rasgai-o em mil pedaços!

Correram para ela e queriam rasgar as cotas. Vieram então onze cisnes brancos voando, que se puseram à volta dela na carroça, batendo com as grandes asas. A multidão, assustada, afastou-se.

– É um sinal do céu! Está certamente inocente! – murmuraram muitos, mas não ousaram dizê-lo alto.

Depois o carrasco agarrou-a pela mão. Então lançou num gesto rápido as onze cotas sobre os onze cisnes e logo ali ficaram onze belos príncipes, mas o mais novo tinha uma asa de cisne no lugar de um braço, pois faltava uma manga na sua cota, que ela não conseguira aprontar.

– Agora posso falar! – disse ela. – Estou inocente!

O povo, que viu o que acontecera, curvou-se diante de Elisa como perante uma santa, mas ela tombou desmaiada nos braços dos irmãos. Tanta comoção, angústia e dores tiveram o seu efeito.

– Sim, está inocente! – disse o irmão mais velho, e depois contou tudo o que acontecera e, enquanto ele falava, espalhou-se um perfume, como de milhões de rosas, pois cada um dos pedaços de lenha da fogueira criara raízes e desabrochava em ramos. Estava ali uma sebe odorosa, alta e grande com rosas vermelhas e em cima uma flor branca e brilhante, que reluzia como uma estrela. Apanhou-a o rei, que a pôs sobre o peito de Elisa e então ela acordou com paz e júbilo no coração.

Todos os sinos tocaram por si próprios e vieram pássaros em grandes bandos. Formou-se um cortejo de noivado de regresso ao palácio, como nunca rei algum vira.